



## NA BEIRA DA PRAIA: SOCIABILIDADES NA ORLA MARÍTIMA DO RIO GRANDE DO SUL (1900-1950)

Joana Carolina Schossler<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Dra. em História pela UNICAMP. R. Cora Coralina, 100 – Cidade Universitária, Campinas - SP, 13083-896. mergulhandonolitoral@gmail.com

### RESUMO

Ir à praia durante o verão é uma prática comum entre a população gaúcha. Ao longo das primeiras décadas do século XX, este hábito regional passou por modificações referentes à apreciação da beira-mar e seus usos. Desde a visão inóspita dos relatos de viajantes do século XIX até os banhos de mar terapêuticos nas águas geladas da costa marítima, os banhistas descobriram o caráter hedonista de passar os meses de verão junto ao mar. Este artigo retrata as mudanças em relação ao uso, a apreciação e as transformações das práticas de sociabilidade desde os primórdios até a popularização dos banhos de mar no litoral norte do Rio Grande do Sul, durante a primeira metade do século XX.

**Palavras-chave:** história cultural, veraneio, banhos de mar, sociabilidades.

### AT THE BEACH: SOCIABILITY AT THE WATERFRONT OF RIO GRANDE DO SUL (1900 – 1950)

### ABSTRACT

Go to the beach during summer is a common practice among the population from Rio Grande do Sul. Through the first two decades of the twentieth century, this regional habit went through modifications in reference to the enjoyment of the shore and its uses. Since the inhospitable view from reports of travelers of the nineteenth century until the therapeutic sea baths in the cold waters of the sea board, the bathers discovered the hedonist character of spending the summer months next to the sea. This article investigates the changes regarding the use, the enjoyment and the

transformation of the sociability practices since the primordial times until the popularization of the sea baths at the north beaches of Rio Grande do Sul.

**Keywords:** Cultural History, summer vacation to the seaside, sea baths, sociability.

### PRELÚDIO SOBRE A PAISAGEM MARÍTIMA: A DOMESTICAÇÃO DA NATUREZA E O INÍCIO DOS BANHOS DE MAR

Desde os primeiros cronistas até os relatos de viajantes do século XIX, o litoral do Rio Grande do Sul sempre foi designado como inóspito, árido e desértico. Sua topografia e sua hidrografia eram consideradas muito adversas à passagem dos tropeiros e bandeirantes, bem como pouco atrativas para os agricultores e muito perigosas para o ancoradouro dos marinheiros. Essas imagens repulsivas do mar também foram incorporadas à literatura regional que, de várias correntes e com matizes, contribuíram para o imaginário social de um território *ex-nihlo* (SCHOSSLER: 2012, p. 237-255).

Em meados do século XIX, as águas marinhas começaram a ser procuradas com finalidades terapêuticas. No entanto, para que os banhos de mar se realizassem dentro dos preceitos estipulados pela medicina, os banhistas tiveram que vencer o medo das águas. Isso significa que a domesticação da natureza marítima foi acompanhada pela domesticação da natureza humana, de um domínio de si, do controle de



temores e receios diante da paisagem desértica do litoral.

O medo e o prazer experimentados nos banhos de mar estavam presentes nas imersões preventivas ou curativas, que o corpo médico edificou por meio das teorias e regras. Historicamente, a prescrição médica da hidroterapia marinha foi uma prática decisiva para a divulgação e ritualização da moda dos banhos de mar. Ela chamou um grande número de vilegiaturistas a dominar sua fobia, em nome da ciência e da saúde, perpassando a repulsão inicial para aceitar o contato salutar (URBAIN: 2007, p. 124).

A mudança da percepção sobre o território arenoso, vasto e desguarnecido do Rio Grande do Sul, acusa uma alteração do olhar em relação ao litoral e a paisagem marítima, favorecendo um olhar contemplativo sobre a natureza do litoral (CAUQUELIN: 2007, p. 93). Em vista disto, pode-se observar que a relação entre comunidades nativas e adventícias se intensificou com a invenção do veraneio, pois os curistas e os primeiros veranistas dependeram das comunidades locais para o provimento de comida e água, entre outros serviços. Também deve-se destacar que eram necessárias informações sobre eventuais perigos no ambiente talássico, principalmente sobre os ventos, as correntes marítimas, a fauna lacustre e marinha, e mesmo sobre as doenças endêmicas.

O benefício dos banhos de mar terapêuticos iniciou o espetáculo social de exibir-se à beira-mar. Ao longo das primeiras décadas do século XX, este processo alcançou maiores proporções relacionadas ao desejo da beira-mar, ao uso do tempo livre, as férias e a popularização da orla marítima, despertando o desejo de estar à beira-mar e ultrapassar os preceitos terapêuticos.

## O DESEJO DE BEIRA-MAR: A PRÁTICA DOS BANHOS DE MAR E AS SOCIABILIDADES NA ORLA MARÍTIMA

No romance *O Grande Gastby*, Fitzgerald garante que “a vida recomeça com o verão”. A assertiva pode ser associada ao movimento migratório repetido todos os anos pelos gaúchos em direção ao litoral, quando nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro, uma nova vida junto ao mar é vivenciada pelos veranistas num tempo curto ou longo, denominado como veraneio.

No princípio dessas migrações estivais para o litoral, a prática do banho e sua sociabilidade estavam organizadas em torno da doença. O banho não era uma aventura marginal ou uma cerimônia de ostentação. Ele entreviu um método curativo ou preventivo, definindo uma linguagem comum às múltiplas prescrições. Ainda assim, a medicina dos banhos de mar estabeleceu regras e teorias, formando um órgão decisivo na vigilância e ritualização de algo que se tornou moda. (URBAIN: 2007, p. 133).

A normalização dos banhos de mar previa a segurança do banhista, canalizando e homogeneizando, de modo dogmático, o prazer dos curistas. Para isso, a medicina codificou tudo: os corpos, os gestos, as ações, os costumes, a convivência, o espaço e o tempo dos banhos de mar (URBAIN: 2007, p. 133)

Para dar sentido ao tempo de cura e descanso, pois os banhos terapêuticos eram muito pontuais, sendo praticados no início da manhã e no fim da tarde, oferecendo aos banhistas um amplo tempo livre, sem muitas distrações; os empreendedores hoteleiros, precisaram desenvolver ao longo da costa litorânea atividades que quebrassem com o rotineiro quadro contemplativo da natureza e o vai-e-vem das ondas, que tornavam a estação calmosa um verdadeiro tédio.

Deste modo, os hotéis foram os responsáveis por gerenciar o tempo dos hóspedes, proporcionando a



eles atividades que deixavam a vida à beira-mar suavemente animada. Além disso, houve a invenção social de um espaço para novas sociabilidades. Assim, o deslocamento do hotel ao lugar de banhos, os passeios, jogos, jantares e bailes favoreciam a exibição de si, mas também o conhecimento do outro (RAUCH : 1995, p. 83).

Em seus vastos salões, os hotéis ofereciam refeições de acordo com os horários dos banhos realizados no início da manhã e no final da tarde. No *Hotel Picoral*, o café da manhã era servido até 8 horas e 30 minutos, o almoço das 11 às 12 e o jantar das 17 às 18 horas (RUSCHEL: 2004, p. 142-143). Essa delimitação temporal reunia os hóspedes em um mesmo ambiente, possibilitando o relacionamento e a sociabilidade entre desconhecidos.

Os banhos de mar e as refeições em grupo proporcionavam aos banhistas a contemplação dos rostos, corpos, manifestações miméticas, gestos, comportamentos, palavras ou gritos. Estes elementos, depois de assimilados, decifravam os signos do prazer que eles comunicavam (URBAIN: 2007, p. 155). Portanto, os banhistas também foram protagonistas para diversificação dos entretenimentos, pois eles deslocaram para o ambiente balneário, os hábitos do mundanismo urbano, estabelecendo durante o veraneio relações efêmeras, porém não menos “elegantes”.

Durante as principais refeições, os hoteleiros também proporcionavam aos vilegiaturistas apresentações musicais com “excelente orquestra” composta por músicos trazidos de Porto Alegre. O *Hotel Sperb*, por exemplo, disponibilizava para as horas de recreio dos hóspedes um piano *Schiedmayer* (Correio do Povo, 4/1/1925). No *Hotel Picoral*, saraus

realizados pelos veranistas no “salão nobre” contavam com apresentações de trechos da ópera de *Reine de Sôba [sic]* ou *Um certo non so che*, composições de Beethoven e Chopin, monólogos em francês e poesias de Olavo Bilac (RUSCHEL, 2004, p. 518-519).

Os hotéis também ofereciam serviços de traslado para a realização dos banhos. Efetuadas primeiramente com carretas de bois e posteriormente com veículos especiais, tipo ônibus ou trenzinhos, estas conduções facilitavam a chegada até a orla, que era tomada pelos cômodos de areia (SOARES: 2000, p. 128). Com o avançar das décadas, o traslado em algumas praias foi terceirizado. Em Tramandaí, a empresa *Carris* incluía na passagem a ida até “a mais alegre e saudável praia do nosso Estado”, assim como o transporte de bonde para o banho (Correio do Povo, 16/1/1934).

Nos primórdios dos balneários marítimos, os corpos brancos dos banhistas, eram transportados até o local dos banhos, onde biombos eram montados<sup>5</sup> para a troca das vestimentas. Neste período, em que as formas do corpo eram escondidas por largas e longas vestes, os hotéis em Tramandaí, mesmo com rusticidade, providenciaram a construção de biombos de palha para a troca de roupas dos banhistas (SOARES: 2000, p. 128). O *Balneário Picoral* comunicava em seus anúncios a disposição de novos e sortidos gorros para banhos (Correio do Povo, 8/1/1925).

Os registros fotográficos das décadas de 1910 e 1920 demonstram os banhistas em poses dentro e fora da água. Durante o banho, grupos com mãos dadas denotam a prevenção de afogamentos, assim como o emergente prazer desfrutado com os banhos de mar,

<sup>5</sup> Diferentemente da Europa, em que os “carros de banho” que entravam no mar para auxiliar banhistas a realizarem os banhos de mar ou casinhas de banho que ficavam na orla para proteger os banhistas do pudor do olhar alheio, no litoral gaúcho, não se teve a reprodução desse tipos, sendo até então encontrados apenas vestígios desses biombos.

Sobre as tipologias dos equipamentos à beira-mar, podem ser consultadas em SCHOSSLER, Joana. Utopias marítimas no Atlântico Sul: imaginário e tipologias no Litoral do Uruguai e Rio Grande do Sul (1900-1950). Tese de doutorado/IFCH/UNICAMP, 2016, p. 50.



que acusa um rompimento com os preceitos dos banhos de mar terapêuticos. Em grandes grupos heterogêneos ou em núcleos familiares, é possível perceber aspectos das sociabilidades na orla marítima. Nesta época, em que os banhos já não eram tomados tão cedo, o repórter do *Correio do Povo* narra a cena.

Entre as nove e as onze da manhã, vai-se ao banho, no bonde, no auto-linha. Gente de “maiô”, de roupão, de pijama, gente de ambos os sexos, feia e bonita, cavalheiros adiposos e não adiposos, gurus quietos e manhosos – tudo se mistura e ruma, sacudido, [sic] coqueteilizado, em direção do rancho de parada, que, de longe, mal apontando por traz de um cômodo, faz a gente pensar que ele é a arca de Noé encalhada, abandonada ali. Chaga-se. O bonde pára. E todos descem, uns rumo ao mar, que ronca ali perto, outros rumo aos biombos, mudar de roupa, outros tomar um trago ali no chalé, cujo dono, apesar de fazer o relógio conservar o horário antigo, sabe mil e um modos de ganhar dinheiro. Até pastéis de siri estão à venda (*Correio do Povo*, 26/2/1932).

Na areia, os trajes de banho que de alguma forma igualavam os banhistas, também os distinguem socialmente<sup>6</sup> através de seus incrementos. Os homens utilizavam bermudas e camisetas escuras, ou trajes do gênero por inteiro. As crianças vestiam macacões ou vestidos, normalmente lisos ou listrados. Já as mulheres usavam vestidos escuros e largos, com diferentes cortes que não aderiam ao corpo, ocultando suas formas. Seus cabelos ficavam presos e protegidos por toucas. Neste figurino à beira-mar, os banhistas experimentavam a volúpia, as sensações de pisar na areia, de colocar os pés nus na água, de sentir o vento, e acompanhar a subida da maré, de viver emoções que excitam a sexualidade (CORBIN: 1988, p. 187- 191). Para Roque Callage, redator da revista Kodak, à hora do banho era o momento que quebrava com a

monotonia marítima, pois ele permitia a promiscuidade e o flerte, como descreve na crônica a seguir:

O quadro é belo: a visão é tentadora. Propositamente desviados das linhas espadaúdas e fortes dos Tritões, o olhar foge para mais longe, de devassa em devassa, lá onde as formas ideais de tímidas sereias vaporosas aparecem enfeitadas pela alva rendilha das espumas. Então, toda a extensão da costa é um mostuário febril de corpos seminus, acariciados pela volúpia mordente das ondas (Kodak, 14/2/1920).

A moda banhar foi evoluindo com o passar das décadas. Já em meados dos anos 1920, algumas banhistas aparecem com sapatilhas de borrachas para proteger os pés da areia. Outros artigos como toucas e cintos de borracha também foram incrementando os acessórios para beira-mar. As lojas de vestuário da capital publicavam anúncios no *Correio do Povo*, na *A Gaivota* e na *Revista do Globo* oferecendo sortidos e modernos artigos para o banho, que variavam desde boias salva-vidas de divertidos animais, bolas de borrachas e roupas nacionais e importadas (*A Gaivota*, 1929).

A brancura das areias está bordada de todas as cores: as malhas dos banhistas, verdes azuis, amarelas, desenham arabescos caprichosos na tela clara... As sereias de cabelos verdes e olhos madrepérola fugiram para longe, para os recifes. A praia é agora propriedade das ondinas civilizadas, que vestem maiô Yantsen, toucas Pirelli e sapatos de Aarkron (*Correio do Povo*, 5/2/1931).

Além do vestuário para o banho de mar, os vilegiaturistas precisavam de roupas apropriadas para os passeios na orla marítima e para as atividades nos hotéis. A partir dos anos 1930, na *Revista do Globo*,

<sup>6</sup> Não há indícios claros sobre a segregação social na praia neste período. Entretanto, as fontes jornalísticas, crônicas e fotografias, permitem inferir que determinados balneários

eram frequentados pela elite burguesa porto-alegrense, tal como o balneário de Torres, por sua beleza pitoresca e distância maior da capital gaúcha.



matérias mostram as tendências dos “trajes de praia”<sup>7</sup>, ilustrando chapéus, vestidos, calças, shorts, blusas e calçados que a mulher moderna e elegante deveria vestir nas praias de mar (Revista do Globo, n° 8, 6/9/1934, p. 8). Algumas matérias também apresentavam personalidades ilustres e famosos nacionais e internacionais para divulgar trajes de homens e de mulheres para a temporada de banhos (Revista do Globo, n° 17, 1/11/1933, p. s/p.; Revista do Globo, n° 25, 8/8/1936, p. 22) As roupas de banho ficaram registradas não somente em fotografias como na memória visual dos banhistas. Segundo as recordações dos veraneios da banhista Olga Schlatter:

Havia também o ritual das roupas. Era moda os homens usarem “pijama”, não só para dormir, mas também durante o dia, quando ficavam, sentados no avarandado do chalé a conversar com os amigos e a tomar chimarrão. Meu pai tinha vários pijamas especiais para essas ocasiões. Mas, à noite, para a ocasião do jantar, todos se arrumavam para os encontros “footing”! Muitos namoros e casamentos iniciaram nesses veraneios!

Ah, quase ia me esquecendo da roupa que usávamos à beira-mar. Segundo a Doralice, “Tínhamos que usar maiô recomendado pela Ação Católica (associação de jovens católicos). Já era época de maiô duas-peças, mas tínhamos de usar maiô fechado e com saiotel!” (SCHLATTER: 2009, p. 55).

Na medida em que o corpo foi se desvelando, a sociabilidade entre gêneros foi se renovando. Assim, se inicialmente as longas vestes e a troca de roupas nos biombos impediam os olhares, os novos trajes, mais justos ao corpo, atraíam os olhares e favoreciam os jogos eróticos, renovando as sociabilidades que traduzem os hábitos de estadia sazonal no litoral marítimo (RAUCH: 1995, p. 90)

<sup>7</sup> Desde cedo, a praia começou a ser, também, lugar de exibicionismo. Tal como em sociedade, a “moda” impunha-se nos trajes de praia e em todos os outros acessórios, revelando quem tinha “bom gosto” e posses. O traje de

As sensibilidades adaptam-se a esta nudez codificada ao sabor da moda do vestuário. As divisórias continham os olhares, o maiô atraí-os. Graças a estética, a interiorização da norma moral contém as pulsões. Não se trata simplesmente de uma progressão do pudor, mas, sobretudo, de uma nova formalização das pessoas consigo mesmas. Com a permanência no litoral marítimo, a cura perde a rigidez. O flerte vulgariza-se nestes lugares privilegiados das estâncias balneares e cassinos. Aí se conciliam pudores e imperativos do desejo. (...).

Simultaneamente, o corpo torna-se o lugar visível de uma identidade. Mais que a situação social, as máscaras e os papéis de empréstimo, mais até do que as ideias ou as convicções, frágeis e influenciáveis, o corpo torna-se a realidade da pessoa privada; atraí ou repele o desejo do outro. (...). Aceitar à imagem pessoal aviva o sentimento de ser importante e difunde o desejo do conto social. Nos jornais ou nas revistas, cujo número aumenta, jornalistas e fotógrafos massageiam o ego, valorizam a expansão individual, teatralizam as atitudes, os gestos, as expressões do corpo e as mímicas do rosto (RAUCH: 1995, p. 90).

Este fator torna-se evidente nas publicidades de roupas para a praia, pois homens e mulheres compartilham do mesmo cenário na orla marítima com seus “trajes elegantes”. (Correio do Povo, 4/1/1932). No entanto, o público feminino continuava a ser o alvo principal das lojas de vestuário, pois eram elas que permitiam as “sereias” adquirirem o seu desejado maiô importado de Paris ou da Argentina (Revista do Globo, n° 241, 3/12/1938, p. 63; Correio do Povo 10/1/1946).

A partir dos anos 1940, a moda das roupas de borracha prevalecia; aqueles largos e pesados roupões de lã, que inibiam e protegiam o corpo, foram substituídos por maiôs inteiros ou de duas peças. Porém, polêmicas internacionais em torno dos maiôs de borracha, que inibiam a circulação e aumentavam a temperatura do corpo provocando desmaios,

banho, que em princípio seria elemento democratizador tornando todos iguais, era na realidade também elemento de discriminação social.



incrementou o mercado da moda balneária, que investiu em novos tecidos, cores e modelos (Revista do Globo, nº 288, 25/1/1941, p. 38).

Nos anos seguintes, para aquelas que não acreditavam em veraneio sem “os elegantes maiôs de borracha” (Revista do Globo, 25/9/1943), a Revista do Globo mostrou novas tendências de maiôs, que seguiam os parâmetros de uma moda que agregava saúde, bem-estar, jovialidade e elegância (Revista do Globo, nº 372, 7/10/1944, p. 40).

Além dos trajes para beira-mar, outros acessórios para proteger a pele alva do sol foram utilizados pelas banhistas. No período entre guerras, sombrinhas chinesas fizeram moda na vilegiatura marítima. Essa “chinoiserie” também aparece em fotografias das décadas de 1920 e 1930 nos balneários marítimos da França e da Argentina, o que acusa que a moda internacional da vilegiatura marítima era assimilada nos balneários do Brasil, bem como em âmbito regional, como nas praias gaúchas e no Rio de Janeiro, onde houve, inclusive, um concurso para premiar as mais belas sombrinhas (Revista Careta, dezembro/1928). Em Blumenau, Santa Catarina, o acessório também aparece entre banhistas da comunidade germânica.<sup>8</sup> Mas, o chapéu de palha confeccionado pelos nativos, é sem dúvida o acessório que ultrapassou todas as tendências, sendo usual até os dias atuais (THERRA: 2007, p. 57).

Em relação as fotografias, cabe ressaltar que, neste período, possuir um registro como lembrança da temporada vivenciada junto ao mar, significava pertencer a um grupo social privilegiado, pois poucas eram as pessoas que possuíam suas próprias máquinas fotográficas, o que permitia aos fotógrafos a realização de seu trabalho. Neste sentido, os fotógrafos tiveram papel representativo na vida dos veranistas que frequentavam o litoral gaúcho. Foram eles os

responsáveis por boa parte das recordações visuais, além da criatividade e produção artística para realização das imagens.

A fotografia turística nos permite a posse imaginária de um passado irreal. Pela primeira vez na história, pessoas viajam regularmente, em grande número, para fora de seu ambiente habitual, durante breves períodos. Parece decididamente anormal viajar por prazer sem levar uma câmera. As fotos oferecerão provas incontestáveis de que a viagem se realizou, de que a programação foi cumprida, de que houve diversão (SONTAG: 2004, p. 19-20).



**Imagem 1** - “Nas praias de Tramandahy”. Revista **Kodak**, 14 de fevereiro de 1920. Acervo: MCSHJC

A indústria fotográfica também utilizava o desejo da beira-mar para comercializar seus produtos. A *Kodak Brasileira*, ao divulgar sua *Cine-Kodak*, apresenta em seu pequeno anúncio a imagem de banhistas sendo filmadas enquanto desfrutam da estação de veraneio (Correio do Povo, 15/12/1928). A *Casa Masson*, que vendia filmes, câmeras fotográficas e revelava fotografias, também usava o veraneio como

<sup>8</sup> Fotografia da Família Weege, 16/12/1928, Fundo Privado.



chamariz para vender seus instantâneos estampados por uma bela banhista (Correio do Povo, 10/1/1937). Assim, conforme Kosoy, “a fotografia é resultante da ação do homem, o fotógrafo, que em determinado espaço e tempo optou por um assunto em especial e que, para seu devido registro, empregou os recursos oferecidos pela tecnologia em cada época” (KOSSOY: 1989, p. 23).

Desde o final do século XIX, a presença de vários fotógrafos na capital gaúcha revela uma concorrência num mercado incipiente, onde a inovação das técnicas fotográficas foi uma constante. Entre alguns fotógrafos estrangeiros mencionados por Athos Damasceno, destacam-se o nome de alguns alemães, como Balduino Röehrig, Mme. Reeckell, Luiz Guilherme Willisich e Frederico Hunfleisch, este último inovou o mercado apresentando ao público “postais, avulsos, propriamente ditos, semelhantes aos postais confeccionados na Europa” (DAMASCENO: 1974, p. 39).

Desde o litoral gaúcho, os cartões-postais enviados ao longo do primeiro quartel do século XX contém a rubrica dos imigrantes Leopoldo Geyer, Idio Feltes, F. Becker e Otto Schönwald. Em relação a estes fotógrafos, pode-se inferir que possivelmente eles transferiam temporariamente seus estúdios fotográficos para as praias, o que lhes garantia fonte de renda extra e certa inspiração fotográfica, que poderia ser compartilhada em cartões-postais e revistas da época.

Entre esses imigrantes, é interessante notar que o alemão Otto Schönwald, que possuía seu estúdio fotográfico em Porto Alegre, era um profissional de renome e comercializava materiais fotográficos para amadores e profissionais. O nome de Otto Schönwald parecia ser comum entre a comunidade teuto-riograndense, pois além do mesmo publicar anúncios

em alemão na *Koseritz' Deutsche Zeitung* (Koseritz' Deutsche Zeitung, 22/5/1889), seu nome também aparece nas fotografias da *Badeanstalt* da SOGIPA, assim como na imagem de um grupo de banhistas em um balneário de Tramandaí.<sup>9</sup>

Já o fotógrafo Idio Feltes estabeleceu-se em Torres no final da década de 1930. Na cidade, o fotógrafo exercia atividades comerciais em seu empório, que vendia diversos artigos, inclusive, munições para armas (O Torrense, 26/2/1949). O mesmo ainda possuía na cidade um estúdio fotográfico, que, em conjunto com sua equipe, produzia séries de cartões-postais ressaltando os atrativos “naturais” daquela paisagem litorânea (SCHOSSLER: 2009).

Outras lentes que captaram aspectos da paisagem e das sociabilidades à beira-mar foram as imagens da denominada *Casa do Amador*. De propriedade de Ulpiano Etchart, as imagens de antigos veranistas ilustres, dos passeios, banhos de mar, das banhistas e da paisagem do litoral gaúcho eram publicadas na *Revista do Globo* e na *A Gaivota* com a legenda da “Casa do Amador” (A Gaivota, 1941).

A circulação de cartões-postais provavelmente aguçou o desejo de beira-mar em muitos destinatários, como revelam as matérias e os anúncios na *Revista A Gaivota*. Em 1941, a empresa *Jaeger e Irmão*, que realizava o transporte de malas postais entre Torres e Porto Alegre duas vezes por semana, passou a efetuar o serviço diariamente, durante os meses de veraneio (A Gaivota, 1941).

Conforme ressalta Shapochinik, a imagem incita o destinatário a ver a paisagem pelos olhos do remetente, apelando para o uso da imaginação ou daquela faculdade que Mário de Andrade cunhou de “conhecimento sensível” (SHAPOCHNIK: 1998, p. 457). Para Patrícia Franco, “o emissor detém as características culturais básicas que serão expostas na

<sup>9</sup> Cartão- Postal verso e reverso. Acervo: CEDOC/UNISC.



mensagem. Os criadores de cartões-postais assumem o papel de emissor da mensagem. A eles cabe transmitir a realidade cultural e social do grupo que retratam”.

A dupla comunicação expressa nos cartões-postais, uma mais objetiva (verso) e outra mais subjetiva (anverso), permitem o receptor compartilhar por meio da escrita e da imagem o prazer vivenciado na beira-mar. Deste modo, este desejo despertado pela circulação de imagens e dos relatos orais do cotidiano e da paisagem marítima, evidenciam-se entre os postais da família Mentz, que frequentava as praias de Tramandaí e Torres, desde o início da década de 1920. Assim, em seu veraneio de 1924, F. Trein escreveu de Torres a seu sobrinho Benno Mentz declarando que, “aqui de fato é muito bonito”.<sup>10</sup> Portanto, a afirmação de Trein, em seu postal fotográfico, comprova o fato de que o mesmo passou a frequentar aquela praia por “osmose familiar”.

Após longas viagens, banhos de mar e refeições, os banhistas precisavam de entretenimentos para animar a permanência e o convívio deste tempo outro junto ao mar. Os vastos salões de refeições dos hotéis também serviram para animados bailes, inclusive, no mês que congregava veraneio e carnaval.

No *Grande Hotel Atlântico*, em Cidreira, no “baile dos tamancos os pares esquecem os paradigmas”, comenta a matéria. Em uma folia de carnaval, os banhistas usavam pijamas de banho no lugar dos *smokings*, “os mais ousados bailavam com tamancos improvisados do jazz-man” e outros “deixavam-se ficar no meio-termo das sapatilhas americanas” (Correio do Povo, 13/2/1931).

O *Balneário Picoral* também promovia bailes carnavalescos, que atraíam veranistas de Torres e de outros balneários. O hotel ainda preparava os festejos com uma semana de antecedência dos clubes da capital,

atraindo um público para a festa que proporcionava comemorações ao deus da folia, “banho a fantasia” e escolha da rainha do carnaval (Correio do Povo, 1/2/1934).

A maioria dos bailes carnavalescos no litoral era organizada pelos próprios veranistas. Fotografias de pessoas, como os membros da família Pilla vestidos com fantasias para os festejos carnavalescos, eram publicadas na revista *A Gaiivota* (A GAIIVOTA, 1930). No carnaval do hotel *Parque Balnear*, em Tramandaí, uma comissão composta pelas veranistas Maria Santos, Nemora Lubisco, Carmen Santos e seus respectivos maridos, promoveu uma “formidável e entusiasmada” festa para o avolumado número de veranistas que se faziam presentes na estação balnear (Correio do Povo, 9/ 2/ 1936).

Assim como nas fontes de águas termais, nos balneários marítimos a roleta também foi uma grande febre da época de banhos. Dirigidas por empresas autônomas ou pelos hoteleiros do litoral, os cassinos foram um entretenimento social que atraíram muitos banhistas desde a década de 1930. Talvez, assim como para *Um Jogador* de Dostoiévski, não existia na temporada outro remédio senão jogar na roleta.

Na praia de Torres, “o cheiro bom do mar, que se quebra em franjas de espuma nas areias”, se imiscuía ao cair da noite, nos bailes e nos jogos. “No salão grande do hotel soam as primeiras notas da orquestra e esboçam-se os primeiros passos de dança. E na casinha branca, de duas janelas, corre a roleta vertiginosa e tinem as fichas sobre o pano cheio de números” (DOSTOIÉVSKI, 2004, p. 35).

Durante o período estival, eram frequentes os anúncios da abertura de temporada balneária e dos cassinos na orla marítima. Em Tramandaí, o *Casino Tramandahy*, que funcionava junto ao *Hotel Sperb*,

<sup>10</sup> Cartão-Postal verso e reverso. Torres, 29/1/1924. Acervo: Benno Mentz/DELFOF/PUCRS.





comunica sua inauguração, em 1939, com “frios, doces e líquidos”. A empresa do cassino também informa que, a partir da temporada de 1940, o funcionamento seria diário, e que a disposição de um ônibus gratuito a serviço da empresa sairia de Porto Alegre todos os sábados (Correio do Povo, 15/12/1939). Em vários outros anúncios, o *Casino Tramandaí* convida os veranistas para que após o almoço ou o jantar os mesmos visitem os salões de jogos (Correio do Povo, 25/12/1939).

No ano seguinte de sua inauguração, o cassino mudou-se para outro edifício, deixando de atuar junto ao *Hotel Sperb*. Porém, o mesmo continuava a oferecer condução gratuita e víspora com 120 coleções (Correio do Povo, 24/1/1940).

Um “week-end” verdadeiramente encantador vai proporcionar o Casino Tramandaí aos seus “habitués”, hoje e amanhã em prosseguimento à série de festas sociais-artísticas que tiveram início com a magnífica “soirée” dançante em homenagem à senhorita Elen Nedel, “a mais bella porto-alegrense”.

Tanto a soirée de sábado, como a “matinée dansante” de domingo, serão cadenciados pelo conhecido Jazz Imperial.

Como brinde especial à sociedade porto-alegrense, intervalando as danças, nos dois dias haverá dois espetáculos de “musis-hall” do qual participarão o famoso conjunto vocal feminino “Singing Babies”, que, atuando, sábado e domingo, com exclusividade no Casino Tramandaí, despede-se de Porto Alegre, de vez que embarcarão segunda-feira para Buenos-Aires, onde vão actual na Radio Belgrano.

Participação ainda da “hora de arte”, Stella Norma, sambista gaúcha, Jacqueline Roland, cançonetista e contorcionista francesa, além de vários outros elementos do “cast” de P R C-2, a simpática emissora da rua 7 de setembro, sob a direção pessoal do locutor Oduvaldo Cozzi. (...). (Correio do Povo, 7/12/1940).

No mesmo período, o *Casino Cidreira* também noticia o convite para visita de “um cassino elegante, numa praia confortável” (Correio do Povo, 12/1/1940). Já em seus anúncios seguintes, o cassino propunha em seu chamariz a aliança do prazer à beira-mar com o divertimento dos jogos, sugerindo, assim, aos veranistas: “Saiba distrair-se, enquanto goza do veraneio” (Correio do Povo, 11/1/1941).

Em sua crônica “Praia Atlântica de Cidreira”, Ernesto W. Albrecht menciona as sociabilidades nos espaços comuns como um momento propício para o flerte. O mesmo também se refere aos jogos de azar, que apareciam sobre a denominação de “jogos de sociedade”.

É também aquela hora que o elemento feminino, que aqui abundante e altamente graciosos, faz o seu “footing” pela tradicional rua, quase inteiramente gramada, encantando pela beleza, porte e gosto em se vestir e “pintar”. Finalmente chegou a hora para escolherem o “programa” para a noite, como ir a um anunciado baile, ir jogar cartas, ping-pong, jogos de sociedade, “assaltando” para tal preferência os salões dos hotéis (A GAIVOTA, 1941).

Com a urbanização dos balneários marítimos, em novas praias, como de Imbé, também se edificaram cassinos. Segundo *A Gaivota*, a localidade contava, em 1941, com o apoio do governo estadual para a construção de um luxuoso cassino, nos moldes das casas do gênero existentes nas grandes praias cariocas. Neste mesmo período, em que o governo disponibilizava verbas para a construção de um cassino em Imbé, ele também abria concorrência para a abertura de um cassino-hotel em Torres. Os interessados deveriam apresentar um anteprojeto com a planta da distribuição dos pavimentos, uma perspectiva do edifício e um memorial justificativo. O edital ainda ressalta que a arquitetura do edifício deveria harmonizar-se com o ambiente, aproveitando



todos os recursos naturais para o efeito do conjunto (A GAIVOTA, 1941).

Curiosamente, no início da década de 1940, o filho de José Picoral construiu, em parceria com um sócio, um cassino em Imbé (RUSCHEL: 2004, p. 657). Pode-se supor que, provavelmente, Picoral Filho intencionava estabelecer uma filial do empreendimento de seu progenitor em Imbé, pois o *Casino Imbé*, como se apresentava, descrevia-se logo abaixo, em parênteses, como *Hotel Casino Picoral Imbé*. (Correio do Povo, 28/2/1942).

No entanto, apesar do encampamento do *Balneário Picoral* em Torres- por razões ainda não esclarecidas, o empreendimento em Imbé continuou exercendo atividades até o período da medida imposta pelo presidente Gaspar Dutra, em 1946.

Sobre a relação do incentivo governamental e a construção do empreendimento de Picoral Filho, no mesmo período, cabe ainda uma investigação mais minuciosa, pois nos anúncios do cassino encontram-se, justamente, programações análogas às quais o governo se propunha em oferecer aos veranistas. Assim, o cassino proporcionava diariamente “Soires [sic] dançantes e Hora de Arte”, mas também apresentações com a cantora de tangos Ivone de Cordoba e matinês aos domingos. (Correio do Povo, 5/2/1942). Ainda em 1942, o cassino promoveu um jantar dançante com uma encantadora “hora de arte” em benefício da *Cruz Vermelha* e da *Casa da Criança Inválida* (Correio do Povo, 7/2/1942). Outras atrações, como recital de músicas brasileiras com “o conhecido tenor cego Higino Martins” ou com a dançarina espanhola Manon Bianchi, eram anunciados aos leitores do jornal *Correio do Povo* (Correio do Povo, 28/2/1942).

O aumento de anúncios das casas de jogos e o incremento de atividades festivas nos cassinos e hotéis acusam um crescimento de banhistas que usufruíam destas atividades. Conforme o relato do ficheiro Darcy

Fagundes, homens amanheciam jogando e perdiam fortunas (SOARES: 2000, p.125). Para Dostoiévski, “os jogadores sabem como uma pessoa pode passar quase vinte e quatro horas sentada com um baralho, sem desviar os olhos das cartas” (DOSTOIÉVSKI, 2004, p. 152).

A considerável procura pelos cassinos durante a estação de veraneio está atrelada à modernização e urbanização dos balneários, mas também aos benefícios trabalhistas conquistados ao longo da década de 1930. As férias remuneradas, que foram constituídas na legislação brasileira somente em 1934, tornaram-se um benefício comum aos trabalhadores, a partir da década 1940. Porém, ao longo das alterações constitucionais, elas já mexiam com o imaginário social dos trabalhadores, que sonhavam com a possibilidade de gozar férias e do tempo livre nas praias do Atlântico.

Cabe lembrar que balneários marítimos ou termais e cassinos eram cenários aristocráticos e burgueses na passagem do século XIX para o XX. Dostoiévski descreve muito bem como os ricos jogavam por jogar, mostrando total indiferença ao dinheiro que se perde ou se ganha. Porém, a classe trabalhadora “sonhava” com balneários e cassinos, que se tornaram realidade com a conquista das férias remuneradas. Trata-se de uma mimese social, que primeiramente foi desejada, para, depois, ser realizada. Evidentemente, os trabalhadores ao terem acesso aos balneários e cassinos, acabam modificando, ou seja, popularizando estes espaços.

O balbuciar em torno das férias foi tema da revista *A Gaivota* de 1929, primeiro ano de sua circulação. A matéria elaborada pelo médico Ulysses Nonohay tece considerações que justificam o descanso pelo imperativo terapêutico que o ar, o sol e os exercícios físicos proporcionam ao trabalhador. Nonohay ainda lamenta o fato de poucos usufruírem de



férias nas praias ou na serra, permanecendo resignados pelas doenças dos ares urbanos ou da rotina de obrigações. Já para aqueles que entendiam as férias como um sinônimo de agito, o médico alertava que os bailes, os banhos de sol e as atividades encontradas nos próprios locais de veraneio prejudicavam o descanso (A GAIVOTA, 1929).

Os exercícios físicos também passaram a fazer parte da recomendação para a temporada de veraneio. Segundo os especialistas, que se baseavam nas teorias europeias do fisiculturismo, a praia não deveria apenas ser encarada como um ambiente elegante ou um lugar de fuga do verão insuportável nas cidades. Para o cronista, era necessário seguir o exemplo da Alemanha, que durante a época banhar transformava a orla em um “magnífico estádio de cultura física”. Seguindo, a matéria destaca que o desporto ofereceria “aspectos de um encanto inigualável, pois são comuns os grupos de moças que, junto ao mar, às vezes sob a direção de professores de cultura física, se entregam a toda a espécie de exercícios de ginástica, formando frequentemente grupos plásticos admiráveis” (A GAIVOTA, 1941).

Em 1934, o desporto em Torres era atração do veraneio. A competição natatória realizada pelo *Balneário Picoral* reunia grande número de concorrentes que atravessam o rio Mampituba em direção a Santa Catarina. Naquele ano, somente a prova feminina não pode ser realizada, pois a única inscrição efetivada havia sido a de Aura Gassen, vencedora do concurso no ano anterior (Correio do Povo, 1/2/1934). Apesar disso, a verdadeira atração daquele veraneio era a praça de ginástica construída por Picoral à beira-mar.

Graças a uma feliz iniciativa do Balneário Picoral, a prática de desportos neste lugar de veraneio está tendo um incremento

extraordinário. Diariamente, sob direção do competente profissional Ricardo Schmiedel, professor da ginástica física é praticada em horas diferentes pelos veranistas de ambos os sexos.

Para tornar ainda mais atraente e concorrida a prática da ginástica a direção do Balneário Picoral fez construir, na praia, uma verdadeira praça de desportos, com paralelas, barras, trapézio e argolas (Correio do Povo, 1/2/1934).

O fisiculturismo na orla marítima também foi motivo de matérias na Revista do Globo, que além de mostrar várias imagens do método “moderno de emagrecimento, que melhora as linhas do corpo”, também criou uma série de artigos sugerindo jogos de várias espécies ao ar livre. Em seu primeiro artigo, a bola foi o objeto de demonstração de seis exercícios a serem praticados na praia (Revista do Globo, 21/12/1938). Além disso, fotografias mostrando os exercícios da plástica física das banhistas também foi destaque nas publicações no periódico, assim como no filme *As praias do município de Torres*, que mostram as “bailarinas” dobrando seus corpos.<sup>11</sup>

Como é possível perceber, a partir dos anos 1930, as sociabilidades deixam de acontecer somente em torno dos estabelecimentos hoteleiros e passam a ganhar mais espaço na orla marítima. Isso significa que, ao mesmo tempo em que o hoteleiro continua a proporcionar recreações e delimitar os horários para as refeições e outras atividades, os banhistas também passam a gerir com mais autonomia o tempo e o espaço de suas atividades.

Este fenômeno interno também foi favorecido por aspectos externos. Nesse caso, ao mesmo tempo em que o banhista rompe com os códigos de pudor e

<sup>11</sup> *As praias do município de Torres*. Gênero: documentário, PB, 35 mm, 300m, 24 q. Produção: Tomazoni Filmes, 1957. O documentário foi censurado em 1957. Acervo: MCSHJC.



assimila a relação temporária com o outro, a melhoria de estradas, as férias, o carro próprio e os incrementos urbanos nos balneários também foram fatores que possibilitaram a emancipação dos banhistas em relação aos códigos estabelecidos. Portanto, é possível afirmar que no início da década de 1940, o veraneio tomou maiores proporções, pois com a urbanização e a abertura de loteamentos no litoral, muitos gaúchos, além de desfrutarem férias na orla marítima, também puderam sonhar ou concretizar o desejo de possuir uma casa na praia<sup>12</sup>.



**Imagem 2** - Capa da Revista do Globo, 7/2/1942. Acervo: MCSHJC.

A acessibilidade e a popularização do veraneio alteraram a dinâmica social na orla marítima. Ou seja, a sociabilidade que antes era circunscrita em torno dos hotéis, passou a ser possível fora deles. Esta transição não foi abrupta, ela começou a se estabelecer na medida em que os veranistas criaram vínculos com o

local onde veraneavam. Como exemplo deste aspecto, pode-se mencionar o fator religioso atrelado aos benefícios do banho de mar, pois apesar dos banhistas seguirem os rigores científicos do curismo, o resultado positivo do tratamento não deixou de ser percebido, às vezes, como um “milagre”.

Assim sendo, em fevereiro de 1924 os banhistas da praia de Cidreira inauguraram com festejos a Capela da praia de Cidreira, elegendo como padroeira Nossa Senhora da Saúde (THERRA: 2007, p. 69). Nos anos vindouros, a festa em homenagem a santa reunia na comunidade de Cidreira milhares de veranistas e nativos das praias vizinhas. Cabe ainda salientar que, para cada ano eram eleitos novos responsáveis, normalmente veranistas porto-alegrenses, para a organização da *Festa de Nossa Senhora da Saúde*, que em 1930 registrou o número de 5.000 participantes na procissão (A Gaiivota, 1930).

As mesmas devoções cabem para a praia de Torres, que teve em 1930 um festival organizado pelos veranistas em benefício da igreja (A GAIIVOTA, 1930). Do mesmo modo, em Tramandaí, a tradicional festa em louvor de Nossa Senhora dos Navegantes reunia anualmente grande número de fiéis para a procissão e os festejos que lançavam a santa ao mar (Correio do Povo, 18/2/1936).

Portanto, é possível deduzir que muitos banhistas veraneavam anualmente no mesmo balneário ou estabeleceram residências secundárias nelas, pelos vínculos comunitários que formaram ao longo da prática da vilegiatura marítima. Sobre este aspecto, é igualmente importante levar em consideração a mímica social, pois provavelmente muitos veranistas se orientavam na escolha do balneário por sua popularidade, pela presença de personagens ilustres ou

<sup>12</sup> Atualmente, a casa de férias é o tema de pesquisa de Pós-Doc, que venho desenvolvendo no IFCH/UNICAMP, com auxílio FAPESP.



pela identificação com a comunidade urbana, da qual eram originários. Este fator evidencia-se entre todos os grupos de imigrantes, pois desde os primórdios da vilegiatura marítima, as comunidades tinham seus locais de veraneio preferenciais, como os alemães em Tramandaí ou Torres no Hotel Picoral ou Sperb, os italianos, em Capão da Canoa, no Hotel Bassini, e nesta mesma praia os judeus (SOARES: 2000, p. 152).

Assim, na medida em que o veraneio se popularizou, a dinâmica hoteleira foi substituída pela dinâmica comunitária. Nela, os banhistas passaram a gerir sua temporada de veraneio escolhendo praticar a vilegiatura nos finais de semana ou em períodos prolongados, ficar à beira-mar o dia inteiro ou algumas horas, fazer refeições comunitárias ou individuais, tomar banho de mar pela manhã ou no final da tarde. Enfim, o banhista dominou os códigos e rituais do prazer de gozar das praias de mar. E como num ritual sagrado, o veraneio tornou-se uma necessidade anual.

Na verdade, a ida e permanência na praia tem para muitos o cunho de obrigação a que não se deve faltar. É este problema, isto é, suas motivações e modos de realização, as táticas de ubicação no espaço, a conduta durante a estada, os relacionamentos com o ambiente e com os demais humanos, os sentimentos experimentados de prazer, de repouso, de integração no conjunto dos presentes costumeiros ou adventícios, os riscos ou inconvenientes sofridos, toda essa variegada gama de fenômenos, que este esboço de sócio-história visa apontar (AZEVEDO: 1989, p. 105).

Como bem reflete o antropólogo francês Urbain (2007, p. 155), a emergência do prazer se assemelha a um baile popular, um lugar instituído de aproximação dos corpos - um espaço de contatos, de sensações, de excitações, do gozo das livres expressões largamente autorizadas (URBAIN: 2007, p.155). Nas areias das praias gaúchas, este ao menos era o retrato registrado nas páginas de fotorreportagem da *Revista do Globo* e

d'A Gaivota. As imagens, além de mostrarem numerosos banhistas “sob as carícias das ondas”, também demonstram a “alegria das praias” no litoral norte do Rio Grande do Sul. Porém, os corpos das “sereias” eram o principal alvo das lentes fotográficas, como revela o fotógrafo Ulpiano Etchart, para os leitores da *Revista do Globo*.

Minha retina e minha objetiva fixaram uma legião de corpos encantadores gozando as delícias do ar aberto à beira do velho Atlântico. Mais de mil negativos forneceram-me estas esplêndidas praias de mar. Mais seria impossível mostrar aos leitores, todos os aspectos, todos os lindos corpos e sorrisos que aqui vão. Ao acaso, sim, porque escolher com critério de seleção seria enormemente embaraçoso e talvez mesmo impossível (*Revista do Globo*, n° 289, 8/2/1941, p. 28).

As colunas de fotorreportagem, além de demonstrarem aspectos de sociabilidade na orla, também possibilitam observar aspectos sobre comportamento e moda balnear. Desempenhando algumas vezes o papel de coluna social, as imagens nas revistas ganharam, na maioria das vezes, um cuidado gráfico especializado, sendo montadas para serem olhadas como em álbuns fotográficos.

Na maioria das páginas de fotorreportagem, a assinatura de fotógrafos era desconhecida. Segundo Machado Júnior, a autoria vinha assinalada na própria fotografia, provavelmente grafada no seu original, mas não no objeto transposto à diagramação no periódico (MACHADO: 2009, p. 132). Além deste fator, muitas fotografias publicadas nas páginas da *Revista do Globo* também eram contribuições dos próprios veranistas, que enviavam suas imagens a fim de testemunharem para a sociedade suas férias.

Por outro lado, o surgimento do editor de fotografia deu outro sentido à imagem, “articulando adequadamente palavras e imagens, por meio do título,



da legenda e de breves textos que acompanhavam as fotografias” (MAUAD: 2008, p. 178). Essas considerações são visíveis nas fotorreportagens publicadas na *Revista do Globo*, onde o editor enfatizava o título *Ecos das praias*, colocando logo a baixo um subtítulo que servia como uma espécie de legenda, de onde vem o “eco” fotografado. Algumas páginas também traziam junto com a disposição das imagens uma pequena descrição do veraneio e o local. Já o acabamento gráfico e artístico era decorado com espécies de ondas na borda ou entre as imagens.

Apesar das imagens publicadas no periódico não possuírem, na maioria das vezes, legendas com o nome dos veranistas ou demais detalhes, pode-se inferir sobre determinados aspectos do passado, como vestuário/moda, lugares, pessoas e condições de vida. Estes elementos caracterizados como índices da imagem permitem analisar as características dos banhistas, como as mulheres que acompanhavam a moda de veraneio anunciadas em propagandas de produtos para a estação.

Analisando e utilizando o conceito de documento/monumento, de Jacques Le Gloff, a fotografia também é um símbolo, que no passado ficou estabelecido como uma imagem registrada para o “futuro”. Levando em consideração estes conceitos, pode-se observar o papel do fotógrafo em registrar determinado momento, de narrar imageticamente o evento que ficará registrado na memória coletiva, pois o portador da câmera fotográfica é quem organizou o grupo para fotografia, montou o cenário e por fim registrou o momento.

As numerosas imagens sobre a vida sob o sol, publicadas nas revistas, demonstram como o veraneio foi incorporado ao imaginário social como forma de cultura, lazer, divertimento e sociabilidade. Assim, o veraneio tornou-se o momento de renovar as energias, de libertar-se das obrigações cotidianas, de deixar os

adornos, de praticar exercícios físicos, de respirar o ar revigorante do oceano, de esquecer os problemas e curar os males, inclusive, do coração. Esta representação da vida à beira-mar, ao menos, era convidativa.

Minha amiga porto-alegrense:

Venha o quanto antes. O mar é camarada. Se ele passa a noite toda resmungando, acalma-se de dia e brinca de balanço com a gente que o procura. A sinfonia bizarra das ondas verdes orladas de prata faz coro com a policromia dos sorrisos. Sim! Aqui você rirá sem motivo, o animal bom que vive em você despertará em toda sua inocência. A praia é tolerante, acolhedora, democrática ... E ouço dizer também que a hora em que as portas do dia começam a se fechar e as cortinas da noite vêm descendo, a praia fica pontilhada de vultos silenciosos. São os que acreditam no sortilégio que o mar sabe fazer. Dizem que ele recebe e transmuda em alegria as pessoas que lhe atiram. E assim, cada ente que sofre, no instante em que o dia perfila e despede-se no horizonte, joga as ondas o saco de coisas amargas que o destino encheu. Veja, pois, como há encantamento por aqui.

Pois minha boa amiga, se você estiver asfixiada sob esta máscara social que oprime sua face, venha! Longe da cidade, do relógio do ponto, da sinaleira que lhe barra a passagem quando você tem pressa de atravessar a rua, da multidão que a comprime nas estreitas calçadas da Rua da Praia, longe de tudo isto, você espantará o “eu” fictício que lhe rouba o sossego, enchendo-a de complicações elegantes, às vezes tão caretas. Venha, minha amiga, mas simplesmente, sem vícios, sem manias... Deixe o *cock-tail*, o cigarro, o “maquiagem”, deixe até mesmo o coração, se possível for.

Venha sem nada: traga apenas seu saco de amarguras. De regresso, levará uma gota de sol brilhando nas pupilas: na face renovada, o viço tropical; e um grito de vitalidade em cada pulsação (Revista do Globo, n° 357, 19/2/1944, p. 41).

A partir da década de 1930, as matérias de jornais, revistas e as fotorreportagens permitem perceber uma mudança de valores e crenças em relação aos benefícios da exposição do corpo aos raios solares.



Neste sentido, o corpo bronzeado passa a ser exaltado como um corpo saudável, demarcando também a transmutação do espaço da praia aristocrático, para um espaço democrático.

A tez morena, a pele macia e firme tornam-se um traje. As pessoas deliciam-se a deixar ver o corpo: cada etapa deste desnudamento progressivo começa causando um escândalo, mas depois se vulgariza (RAUCH: 1995, p. 89).

Os corpos enfermos e brancos saem de cena, e as areias molhadas refletem a imagem de corpos ociosos expostos ao sol<sup>13</sup>. As fotografias nas páginas da *Revista do Globo* mostram as garotas esticadas na areia. Uma das imagens, intituladas como “ilustração da receita”, justifica em sua legenda o banho de sol como uma “prática saudável devido à absorção da vitamina D na epiderme” (*Revista do Globo*, nº357, 19/2/1944, p. 42).

A importância salutar da ação solar foi ressaltada em inúmeras matérias publicadas em revistas, especialmente na *A Gaivota*. Sob o título “*O sol fonte de saúde*”, o artigo informava aos leitores que:

*O sol estimula e fortalece o indivíduo e aumenta as defesas orgânicas contra as doenças. Atuando sobre a pele, provoca a formação de vitamina D, cuja influência sobre a fixação, no organismo, do cálcio e do fósforo é conhecida dos que acompanham de perto os preceitos da educação da saúde.*

*Por outro lado, o sol destrói os germens que a ele estão diretamente expostos. É o que acontece, por exemplo, com o bacilo da tuberculose; e é o que ocorre com outros micróbios nocivos ao homem. Onde entre o sol, impera a saúde. E não é outra razão pela qual se diz que “casa em que entra o sol, não entre o médico” (*A Gaivota*, 1955).*

*Ainda no mesmo número da revista, uma nota afirmava que:*

*O banho de sol é particularmente benéfico; estimula a nutrição geral, porque ativa a circulação superficial do sangue e excita o sistema nervoso, transforma o ergosterol da pele em vitamina D, cuja função é fixar o cálcio no organismo, assim melhorando as condições dos ossos, dentes, sangue e nervos; e pelo robustecimento físico, dá ao indivíduo alegria e sensação de bem-estar.*

*Incorpore aos seus hábitos o banho de sol diário, mas evite excessos que transformem o benefício em prejuízo (*A Gaivota*, 1955).*

Já em matéria da *Revista do Globo*, intitulada “Para depois do Veraneio”, os danos à pele causados pela exposição exagerada aos raios solares são apontados e, conselhos são emitidos às leitoras para restaurar suas epidermes. Sobre o envelhecimento da pele, afirma ainda o articulista Fernando de Barros que “se observarmos alguns rostos submetidos, durante o veraneio, à ação combinada do vento, da água e do sol, das praias marinhas, veremos que muitas ficaram ressentidas dessa falta de cuidado” (*Revista do Globo*, nº 358, 11/3/1944, p. 40). O mesmo, ainda informa que “as sardas aumentam grandemente depois do veraneio, quando se esteve muito tempo exposto ao sol” (*Revista do Globo*, nº 358, 11/3/1944, p. 40).

*As inúmeras matérias sobre os cuidados com a pele exposta aos raios solares denotam uma procura obsessiva pelo bronzeamento.* A helioterapia, a hidroterapia, o naturismo e a vilegiatura marítima foram componentes decisivos para a mudança de valor em relação ao corpo bronzeado (ORY: 2008, p. 66-73). O tempo para se bronzear acusa uma nova relação com o corpo pautado em noções modernas de beleza e dos cuidados de si.

<sup>13</sup> Ao longo da democratização da beira-mar nas primeiras décadas do século XX, a pele branca era sinônimo de beleza para distinguir a aristocracia e a burguesia da classe trabalhadora, que, normalmente, tinha a pele bronzeada. A

partir da década de 1920, esse valor passa por uma inversão, que supostamente é demarcada com o momento em que Coco Chanel aparece bronzeada.



Neste sentido, a revolução cultural que se operou em relação à exposição ao sol contribuiu para o desenvolvimento da indústria cosmetológica. Pois, se os banhistas procuravam o “sol que cura”, os médicos alertavam para certos cuidados, aconselhando o uso de sombrinhas e precaução às longas horas de exposição do corpo ao sol.

Em meados dos anos 1930 surgiram os cremes aptos a “amorenar a pele”. Os anúncios, como da marca alemã Nívea, invocam a tríade água, ar e sol, referindo-se aos fortes raios do sol tropical. A Nívea ainda ressalta o uso da substância *Eucerit*, que se assimilava à pele.<sup>14</sup> Suas propagandas, também estimulavam os banhos de sol, salientando que este artifício de beleza deveria ser complementado com os cuidados que o *Crema Nívea* oferece à saúde da pele (Revista do Globo, n° 10, 30/05/1934, p. 35).

O bronzeado passou a ser visto como algo chique. Segundo a matéria sobre o veraneio no jornal *Correio do Povo*: “a praia é dos morenos. Não há mais corpos claros. A luz ardente dourou a brancura das epidermes. E todas ficaram mais lindas assim beijadas de sol. Linda praia das morenas” (Correio do Povo, 13/2/1931).

Como sublinha Georges Vigarello em relação ao bronzeado:

Essa “escalada da melanina à superfície do corpo social” está longe de ser uma simples moda. Ela é antes de mais nada receita de descontração, vasta revisão pedagógica em que cada um se melhoraria, se “embelezaria”, buscando indolência e prazer. (...) “entregar-se aos raios” para melhor proporcionar uma “nova sedução”. Primeira grande afirmação do indivíduo moderno extensiva à escala de uma população, esse abandono privilegia a posse de si, o tempo para si. E é acompanhado

pelas férias pagas, tornadas, para alguns, o “ano n° 1 da felicidade (VIGARELLO: 2006, p. 149).

O bronzeado nem sempre foi um benefício para todos. Muitos banhistas, ao exporem com exageros a pele ao sol acabavam sofrendo fortes queimaduras. As imagens na *Revista do Globo*, não deixaram de registrar as formas de precaução adotadas pelos veranistas. Em uma imagem com três banhistas vestindo roupas de passeio, óculos de sol e lenços na cabeça, a legenda detalhava que o sol nem sempre era um aliado, sendo necessário resguardar o corpo das queimaduras inevitáveis (Revista do Globo, n° 289, 8/2/1941, p. 31). Em outra imagem, muitos banhistas aparecem na orla marítima sob proteção de guarda-sóis. De acordo com a legenda da imagem, nem todos acreditavam na eficácia dos cremes e óleos protetores, evitando a incidência solar com os “modernos e coloridos” guarda-sóis, que ficavam desordenados pela areia (Revista do Globo, n° 381, 10/3/1945, p. 39).

Ao mesmo tempo em que as praias de mar se popularizaram, os setores da economia moderna assimilaram o desejo de beira-mar, criando necessidades de consumo aos veranistas. Portanto, apesar dos banhistas migrarem temporariamente para o litoral, reproduzindo inconscientemente os imperativos terapêuticos como justificativa para se libertar dos vícios citadinos, o mercado de consumo se apoderou do veraneio, aproximando cada vez mais a vida balneária ao cotidiano urbano das cidades.

*A mudança em relação ao corpo e à sua cor não poderia ser possível sem a experiência social dos balneários marítimos. Embora tal exposição ao sol tenha sido criticada por médicos preocupados com os*

<sup>14</sup>A fórmula da Eucerit foi criada pelo doutor Isaac Lifschüts que logrou isolar derivados da lanolina por um processo novo de decantação. A fórmula da Eucerit ficou sob a propriedade

do Dr. Oskar Troplowitz, líder do grupo Nívea desde 1890. ANDRIEU, Bernard. *Bronzage. Une petite histoire du soleil et de la peau*. Paris: CNRS Éditions, 2008, p.87.





riscos à saúde, a situação fugia ao controle desses especialistas.

*Bem como a talassoterapia, a helioterapia também deu margem a um prazer desmedido e de consequências inusitadas. Os curistas se tornaram turistas, e o ar, a água marinha e o sol passaram a representar mais que uma tríade benfazeja em termos de saúde, pois um prazer passou a imperar.*

*Esse duplo prazer em bronzear o corpo e exibi-lo bronzeado, acusa uma mudança cultural em relação ao corpo que se situa num tempo e num espaço moderno, no qual o balneário marítimo é sua melhor tradução.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Periódicos

#### Jornal O Torrense

Jornal Correio do Povo/ Porto Alegre

Jornal Koseritz' Deutsche Zeitung

A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul

Revista Careta

Revista do Globo

Revista Kodak

## BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Thales. *Italianos na Bahia e outros temas*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1989.

CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CORBIN, Alain. *Território do Vazio: a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

DAMASCENO, Athos. *Colóquios com a minha cidade*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1974.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Um jogador*. São Paulo: Editora 34, 2004.

MAUAD, Ana Maria. *Poses e Flagrantes: ensaio sobre história e fotografias*. Niterói: Editora da UFF, 2008.

MACHADO JÚNIOR, Cláudio de Sá. *Imagens da Sociedade Porto-Alegrense: vida pública e comportamento nas fotografias da Revista do Globo (década de 1930)*. São Leopoldo: Oikos, 2009.

ORY, Pascal. *L'invention du bronzage*. Paris: Editions Complexe, 2008.

RAUCH, André. *Las vacances et la nature revisitée (1830-1939)*. In: CORBIN, Alain.

*L'avènement des loirs (1850-1960)*. Paris: Flammarion, 1995.

RUSCHEL, Ruy Ruben. *Torres tem história*. Porto Alegre: EST, 2004.

SOARES, Leda Saraiva. *A saga das praias gaúchas: de Quintão a Torres*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2000.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SHAPOCHNIK, Nelson. *Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade*. In: *História da vida privada no Brasil, 3. República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCHLATTER, Olga Nedel; MENDONÇA, Renato. *Rua Garibaldi, 1085: vivências de Olga Nedel Schlatter*. Porto Alegre: Renato Mendonça Edição, 2009.

SCHOSSLER, Joana. *Do pitoresco ao atrativo nos cartões-postais de um balneário marítimo no Rio Grande do Sul*. In: XXV Simpósio Nacional de História: História e ética. Fortaleza, 2009.

\_\_\_\_\_. *Do território do vazio ao lugar de veraneio: paisagem e cultura balneária no litoral do Rio Grande do Sul*. In: KLANOVIEZ JÓ; ARRUDA, Gilmar; BERGO DE CARVALHO, Ely. (Org.). *História*



*Ambiental no sul do Brasil*. 1ed. São Paulo: Alameda, 2012, v., p. 237-255.

\_\_\_\_\_. Utopias marítimas no Atlântico Sul: imaginário e tipologias no Litoral do Uruguai e Rio Grande do Sul (1900-1950). Tese de doutorado/IFCH/UNICAMP, 2016, p. 50.

THERRA, Ivan. *Cidreira, história, cotidiano, cultura e sentimento*. Cidreira: Casa de Cultura do Litoral, 2007.

URBAIN, Jean-Didier. *Sur la Plage : moeurs et coutumes balnéaires (XIX-XX siècles)*. Petite Bibliothèque Payot: Paris, 2007.

VIGARELLO, Georges. *História da Beleza*. Rio de Janeiro, Ediouro, 2006.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Editora Ática, 1989.